



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14114 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**INSUBMISSA EDUCAÇÃO NEGRA: VOZES E FAZERES NEGROS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL E DOS EUA**

Éllen Daiane Cintra - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**INSUBMISSA EDUCAÇÃO NEGRA: VOZES E FAZERES NEGROS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL E DOS EUA**

**Resumo:** Considerando o atual contexto de reconstrução do país e os 20 anos da Lei nº 10.639/03, este trabalho discute, de forma relacional, os sentidos e significados da educação da, para a e feita pela população negra a partir de uma interpretação crítica de arquivos, narrativas e fazeres de educadoras(es) negras(os) da educação básica do Brasil e dos EUA. Especificamente, tal partilha busca nutrir a construção de rotas de fuga e alternativas que provoquem e ampliem as noções de equidade na educação básica e na formação de professoras(es). Parte-se de breve discussão sobre racismo e antinegitude e como a negação ontológica e social da pessoa negra fundamenta a humanidade, como exemplificado em dados educacionais e casos que ilustram uma pedagogia da crueldade, sofrimento e cerceamento dentro e fora das escolas. Em seguida, compartilham-se iniciativas individuais e/ou coletivamente organizadas por educadoras(es) negras(os) nos dois países, presentes nos arquivos e fruto de entrevistas semi-estruturadas, para que se possa conhecer e analisar experiências que podem fomentar a imaginação radical, o trabalho de estado de alerta e uma educação abolicionista, necessários para a humanização de todas as pessoas.

**Palavras-chave:** professoras (es) negras (os); educação básica; sentidos e significados da educação; fazeres negros; antinegitude.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute os sentidos e significados da educação da, para a e feita pela população negra a partir de uma interpretação crítica de arquivos, narrativas e fazeres de educadoras(es) negras(os) da educação básica do Brasil e dos Estados Unidos de forma relacional. De forma específica, parte-se de uma análise dos impactos da antinegitude no contexto histórico-social e na educação da população negra no Brasil e nos EUA, considerando a escravidão e sua sobrevida, a partir de uma leitura crítica dos arquivos na contracorrente (legislações, registros históricos, narrativas negras, materiais pedagógicos, (auto)biografias, literatura, dados educacionais, entre outros).

Para fins de compreensão das perspectivas assumidas neste trabalho, apresenta-se uma breve distinção entre racismo e antinegitude. No Brasil, Munanga (2010) aponta que o racismo opera a partir da naturalização de noções de superioridade e inferioridade de pessoas brancas e negras, considerando-se a noção de raça enquanto construção social e que isso afeta outros grupos raciais nas dinâmicas sociais. Agravadas pelo mito da democracia racial, essas noções naturalizadas vinculam características físicas hereditárias comuns a características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas que são valoradas de forma desigual entre os indivíduos negros e não negros. Essas diferentes opressões derivam da mesma fonte: a supremacia branca, cis-heteronormativa, patriarcal e capitalista, sendo, sob essa ótica, opressões comparáveis e traduzíveis (VARGAS, 2020).

De forma diferente, este estudo assume perspectivas alternativas que partem de outra diáde: a de pessoas negras de um lado e pessoas não negras de outro. Essa diáde reflete sobre a singularidade e a incomensurabilidade da condição negra a partir de conceitos como o de morte social (WILDERSON, 2020) e de sobrevida da escravidão (HARTMAN, 1997). Cabe apontar que a escravização criou uma “situação antissocial extrema” que criou pessoas “socialmente mortas” ou “pessoas não sociais”, cuja existência social não é reconhecida e contra as quais permanece um “estado de abjeção que não termina com a emancipação formal (VARGAS, 2020, p. 4), revelando que, na realidade, o social não é compartilhado igualmente por todas(os). A antinegitude demonstra uma lógica que resulta de uma dupla negação: a negação da ontologia do ser negro e a negação social da pessoa negra. Como discutido por Vargas (2020), a lógica da antinegitude, nesse sentido, trata-se não apenas do fundamento da humanidade, mas também do questionamento desse fundamento e de sua dependência na exclusão daquelas consideradas não pessoas, entendendo-se, então, que ser humano significa não ser negro. Enquanto fundamento da humanidade, a antinegitude torna relacionais também as experiências apreendidas, reproduzidas e retroalimentadas pela educação e nas escolas enquanto espaços de sofrimento e encarceramento (DUMAS, 2014, 2016; SOJOYNER, 2016; WARREN; COLES, 2020), ilustrando uma pedagogia da crueldade (GOMES; LABORNE, 2018), em diferentes países.

No Brasil, a maioria dos estudantes das escolas públicas é negra, mas ao contrário

disso, a maioria dos professores autodeclarados (42%) em 2017, por exemplo, era branca (sendo que 25% eram pardos, 4% eram pretos e 0,6% indígenas). Ao longo da história do país percebe-se que há tanto um apagamento intencional da experiência educacional da população negra quanto um silenciamento das narrativas de professoras (es) negras(os) ao longo da história da educação (CORD et al., 2017). No que tange à literatura brasileira produzida em relação à educação e às experiências de professoras (es) negras (os), percebe-se um aumento da produção sobre formação docente e trajetórias de professores negros no Brasil (BARROS, 2018; BARROS; BEZERRA, 2020; FIALHO et al., 2022; MULLER, 2003). No entanto, há uma lacuna de investigações que analisem os impactos, expectativas e influência de professores de diferentes grupos raciais para a educação dos sujeitos (CAVALLEIRO, 1999; GOMES, 2003; FLORENÇO; VOLPATO, 2022; OLIVEIRA; ABRAMOWICKZ, 2010; VIEIRA, 2018) e as relações entre diferenças raciais, desempenho e fracasso escolar (BOTELHO; MADEIRA; RANGEL, 2015; CARVALHO, 2005; LOUZANO, 2013), por exemplo.

Nos Estados Unidos, estudos anteriores substanciam a “dívida educacional” (LADSON-BILLINGS, 2006) devida às comunidades de cor (conforme são nomeados os grupos raciais não-brancos nos EUA). Ainda que estudantes negras(os) representem 15% dos alunos nas escolas estado-unidenses (NCES, 2021), eles receberam mais suspensões fora da escola e são os mais retidos, suspensos e expulsos desses espaços. Pesquisadores também apontam os danos a educadores negros (ANDREWS; COSBY, 2021; LISLE-JOHNSON; KOHLI, 2021; MOSELY, 2018) e os impactos de uma força de ensino predominantemente branca, que chega a 80% nas escolas públicas no país. Outros estudos apontam ainda a importância das expectativas e da pedagogia de professores negros (ACOSTA, 2018, 2019; LADSON-BILLINGS, 1994; SIDDLE-WALKER, 1996; WARE, 2006) para os resultados de estudantes negros.

A compreensão consciente dos professores sobre a importância, significados e urgência do aprendizado de crianças negras (LOVE, 2019; MILNER, 2006) influencia como os educadores negros desenvolvem e aplicam suas perspectivas, pedagogias e epistemologias (GIVENS, 2021; LOVE, 2019; MUHAMMAD, 2020) em direção à liberação negra e abolição (SHANGE, 2019), levando a promover e valorizar o conhecimento negro (IRVINE, 2002; MCCREADY; MOSELY, 2014) e as pedagogias libertadoras das mulheres negras (HOOKS, 2013; OHITO, 2019; PERLOW et al., 2018), por exemplo. Além de compartilhar experiências semelhantes com racialização, microagressões, antinegitude e injustiças sistêmicas, os professores de cor têm usado essas perspectivas únicas para oferecer visões críticas da educação e desenvolver práticas e metodologias que levam estudantes a uma melhor compreensão de suas próprias subjetividades, histórias, posições relacionais e a de outros grupos sociais e raciais (MUHAMMAD, 2020).

## METODOLOGIA

Comprometendo-se com análises críticas na contracorrente (HARTMAN, 1995, 2019) e o trabalho de estado de alerta (SHARPE, 2016), as análises desta pesquisa qualitativa, fruto de trabalho de doutorado em fase final de elaboração, se embasam em arquivos relativos à educação negra e também em informações compartilhadas por 10 professoras(es) voluntárias(os) do Brasil e 10 dos Estados Unidos em entrevistas semi-estruturadas individuais, realizadas de forma online em 2022 e 2023.

As informações resultantes das entrevistas semi-estruturadas individuais foram analisadas conforme os pressupostos da hermenêutica reconstrutiva (DEVECHI; TREVISAN, 2011; MACEDO; DEVECHI, 2022), método não tradicional que “compreende a busca, por meio da problematização da fala/texto entre concordâncias e discordâncias, de uma universalização discursiva” (MACEDO; DEVECHI, 2022, p. 953). Considerando a natureza e objetivos da pesquisa, escolheu-se tal metodologia dado o seu caráter de contínua busca pela construção e reconstrução de saberes plurais dos indivíduos de forma horizontal, visando o bem comum, a interação e o entendimento mútuo. Ademais, esta escolha pautou-se no reconhecimento de que as perspectivas, reflexões e experiências atuais e anteriores dessas (es) docentes oferecem ângulos de observação e análise aprofundados da história social do negro a partir da educação nos dois países, possibilitando a contínua construção e reconstrução de saberes sobre educação, de forma horizontal. Dessa forma, essa abordagem, que se contrapõe à universalização hegemônica, potencializa as identidades que conformam os sujeitos em suas experiências e lança luz sobre os sentidos e significados da educação da, para a e feita pela população negra a partir das vivências individuais e coletivas bem como sobre de que formas comunidades negras em ambos os países têm historicamente lutado por, reivindicado e construído sua educação como possibilidade de vida e humanização.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Salientam-se aspectos relacionais de uma tradição radical negra diaspórica, evidenciada em estratégias semelhantes usadas por educadoras (es) negros de ambos os países, no pré e pós-abolição e na contemporaneidade. Além da construção de escolas específicas destinadas a estudantes negras(os), como as *pit schools*, as *Freedom Schools* e a escola do professor Pretextato dos Passos e Silva, há também iniciativas pensadas e lideradas por professoras(es) negras(os), como Hemetério José dos Santos e Carter G. Woodson. Dentre as iniciativas de coletivos negros, assemelham-se as ações da imprensa negra, de sociedades literatas de pessoas negras, da Frente Negra Brasileira e do Teatro Experimental do Negro, bem como de coletivos e de Irmandades em ambos os países. Destacam-se as relações entre escolas que nascem em terreiros de candomblé e a *Oakland Community School*, liderada e organizada pelo Partido dos Panteras Negras, nos EUA, por exemplo. Ademais,

assemelham-se perspectivas teórico-pedagógicas específicas, como a afrocentricidade, a educação antirracista, inter ou multicultural, de terreiro e quilombola. Percebe-se que as narrativas, fazeres e perspectivas teórico-pedagógicas específicas informam aspectos relacionais que inscrevem a população negra como sujeito possível ao longo da história e na contemporaneidade.

As considerações iniciais deste trabalho apontam, enquanto limites, a dificuldade de elaborar análises aprofundadas que relacionem de forma específica diferentes períodos históricos experimentados pela população negra, seja pela limitação de informações encontradas, seja pela especificidade dos contextos dos dois países e as limitações de aprofundamento do estudo. Ademais, dado o desenho teórico-metodológico, há limitação na identificação dos impactos reais da experiência de estudantes negras(os) que tenham sido formadas(os) por essas(es) docentes.

Dentre as possibilidades das diferentes narrativas, fazeres e perspectivas pedagógicas apresentadas reconhece-se nas iniciativas encontradas potencial para romper com a antinegitude na educação básica da população negra nos dois países.

## REFERÊNCIAS (SELECIONADAS)

BARROS; Surya Pombo A.; BEZERRA, Amália Cristina D. da R. Não brancos(as) e periféricos(as): histórias da docência no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, e250042, 2020.

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, jan./fev./mar./abr., 2005.

CORD, Marcelo Mac; ARAÚJO, Carlos Eduardo M.; GOMES, Flávio dos Santos. **Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

DUMAS, Michel J. Against the dark: Antiblackness in education policy and discourse. **Theory into Practice**, v. 55, n. 1, p. 11–9, 2016.

GIVENS, Jarvis. **Fugitive pedagogy: Carter G. Woodson and the art of Black teaching**. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2021.

GRANT, Carl. A.; WOODSON, Ashley N.; DUMAS, Michel. J., (Eds). **The future is Black: Afropessimism, fugivity, and radical hope in education**. New York, NY: Routledge, 2021.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia P. **Pedagogia da crueldade: racismo e**

extermínio da juventude negra. **Educar em Revista**, n. 34, 2018.

HARTMAN, Saidiya. **Scenes of Subjection**: Terror, slavery, and self-making in nineteenth-century America. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KOHLI, Rita. **Teachers of Color**: Resisting Racism and Reclaiming Education. Harvard Educational Press, Boston, MA, 2021.

LADSON-BILLINGS, Gloria. **The Dreamkeepers**: Successful teachers of African American children. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers, 1994.

MACEDO, Aldenora C. de; DEVECHI, Catia Piccolo. V. Solidariedade intelectual: Aproximando interseccionalidade e hermenêutica reconstrutiva nas pesquisas em educação. **Educação e Filosofia**, v. 36, n. 77, p. 951–975, 2022.

MILNER, Howard R. The promise of Black teachers' success with Black students. **Educational Foundations**, v. 20, n. 3-4, p. 89-104, 2006.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. Professoras negras no Rio de Janeiro: história de um branqueamento. In: OLIVEIRA, Iolanda (org.) **Relações Raciais e Educação**: novos desafios. Rio de Janeiro: DP&A (Coleção Políticas da Cor), 2003.

PERLOW, Olivia N., WHEELER, D. I., BETHEA, Sharon L.; SCOTT, Barbara M. (eds.). **Black women's liberatory pedagogies**: Resistance, transformation, and healing within and beyond the academy. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2018.

SHARPE, Christina. **In the wake**: on blackness and being. Durham: Duke University Press, 2016.

SIDDLE-WALKER, Vanessa. **Their highest potential**: An African American school community in the segregated South. University of North Carolina Press, 1996.

SOJOYNER, Damien M. **First strike**: educational enclosures in Black Los Angeles. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

VARGAS, João H. Costa. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **Revista Em Pauta**: teoria social e realidade contemporânea, v. 18, n. 45, 15 jan. 2020.

WARREN, Chezare A.; COLES, Justin A. Trading spaces: Antiblackness and reflections on Black education futures. **Equity & Excellence in Education**, 2020, p. 1-18.

WILDERSON, Frank B. **Afropessimism**. New York: Liveright, 2020.

